

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

TRADUÇÃO

## QUATRO CARTAS DE WALTER BENJAMIN A HERBERT BELMORE <sup>1</sup>

Walter Benjamin

Traduzido por: Susana Kampff Lages<sup>2</sup>

Vanessa Räbel<sup>3</sup>

*Wir leben im Zeitalter des Sozialismus, der  
Frauenbewegung, des Verkehrs, des  
Individualismus. Gehen wir nicht dem Zeitalter  
der Jugend entgegen?*<sup>4</sup>

Walter Benjamin

Esta sucintíssima seleção de quatro cartas de Walter Benjamin ao colega de classe e companheiro do movimento da juventude, Herbert Belmore — pseudônimo de Herbert Blumenthal (1893-1978)<sup>5</sup> — dá uma amostra da atmosfera apaixonada e permeada por disputas internas na militância dos jovens estudantes secundaristas e universitários de seu tempo. Em sintonia com o espírito da época, rebelavam-se contra a tirania e as práticas educacionais excessivamente rígidas, em voga, seja na vida familiar, seja nas instituições

<sup>1</sup> Tradução recebida em: 14/09/2020 e aceita em: 14/09/2020

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica (Literatura) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora de Língua e Literatura Alemã na Universidade Federal Fluminense desde 2005, tendo atuado, de 1989 a 2005, no Centro de Línguas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Publicou, entre outros artigos e ensaios variados, os livros *Walter Benjamin. Tradução e Melancolia* e *João Guimarães Rosa e a saudade*, ambos indicados ao Prêmio Jabuti. Traduziu, entre outros, *O desaparecido ou Amerika*, de Franz Kafka. É coordenadora de convênio entre a UFF e a Universidade de Viena e é líder do Grupo de Pesquisa do CNPq, “Viagens: entre literaturas e culturas”. Endereço de e-mail: susanaki@id.uff.br

<sup>3</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e estudante de Bacharelado em Letras/Alemão na mesma universidade. Participa de projeto de extensão junto ao Labestrad (Laboratório de Estudos da Tradução) do Instituto de Letras, sob a orientação da Profa. Susana Kampff Lages. Endereço de e-mail: vanessarabel@id.uff.br

<sup>4</sup> “Vivemos na era do socialismo, do movimento das mulheres, dos trânsitos, do individualismo. Não caminhamos para a era da juventude?” Frase de abertura do ensaio de juventude de Benjamin, “A Bela Adormecida”. BENJAMIN, Walter. *Das Dornröschen. Gesammelte Schriften*. 2. ed. Vol. II- 1. Frankfurt: Suhrkamp, 1999, p. 9. Tradução nossa.

<sup>5</sup> Companheiro de escola e interlocutor de Walter Benjamin até 1917, ano do casamento de Benjamin com Dora Kellner. Em suas memórias, Belmore demonstra amargura pelo rompimento abrupto das relações por parte de Benjamin, fato que atribui a Dora, a qual é descrita por ele, de modo extremamente parcial, como uma mulher ambiciosa e calculista.

educacionais como escola e universidade, bem como nas instituições confessionais. Parte importante dessa rebelião de mentalidades e costumes estava relacionada tanto a uma busca de um espírito comunitário, em meio à natureza, quanto a uma nova compreensão da sexualidade, no seio da qual as mulheres passariam a alcançar crescente protagonismo – ainda que, em boa medida, carreado por mentes masculinas, com as honrosas exceções de inúmeras artistas e escritoras, de que se nomeiem aqui apenas como exemplos, do próprio círculo em torno a Benjamin, a poeta e prima de Benjamin, Gertrud Kolmar (1894-1943), bem como sua própria futura esposa Dora Kellner Benjamin<sup>(1)</sup> e, mais tarde, a atriz e diretora de teatro revolucionária letã, Asja Lacis, por intermédio da qual viria a conhecer Bertolt Brecht e à qual iria dedicar sua “plaquete para amigos”, o livro *Rua de mão única*.

A famosa carta em que Benjamin discute a eticidade da prostituta é paradigmática desses debates em torno a concepções, muitas vezes antagônicas, sobre a vida amorosa, educação estética e erotismo. Walter Benjamin e muitos de seus coetâneos buscavam reconhecer a importância do papel da sexualidade para a vida do espírito, do intelecto e da cultura e, dessa forma, garantir à mulher um papel destacado na vida intelectual e cultural, para além de sua determinação biológica ligada à procriação. A reflexão sobre a prostituta como um emblema de uma sexualidade espiritualizada e de uma espiritualidade eroticamente determinada faz parte de um programa juvenil que tenta transcender a dicotomia amor sublimado com as colegas vs. amor erotizado com prostitutas, como já observou Ernani Chaves.<sup>6</sup> Essa tentativa de fusão de um plano físico-erótico a uma dimensão intelectual-espiritual está, também, intimamente ligada a uma dimensão místico-extática do erotismo, que permite ao sujeito perscrutar certa alteridade enigmática, perceptível apenas em momentos de epifania, como assinala Kathrin Rosenfield, em comentário sobre o texto juvenil de Benjamin, “Metafísica da juventude”.<sup>7</sup> Que essas ideias esbarrassem nas dificuldades de relacionamento da vida concreta e em divergências específicas sobre papéis a cumprir (cabe lembrar que por algum tempo Dora Benjamin sustentou o marido com seu próprio trabalho como jornalista e tradutora), é algo que podemos depreender destas e de outras cartas da juventude, como se pode ler em uma obra sobre a relação entre Dora e Walter Benjamin recentemente publicada.<sup>8</sup>

Ademais, as cartas dão também uma amostra da singularidade da escrita de Walter Benjamin, com seus giros frasais e retórica por vezes herméticos, não hesitando em se contrapor às normas gramaticais. Tal é o caso das regras de pontuação, contra as quais o autor por vezes se insurge, eliminando boa parte de vírgulas obrigatórias, por exemplo. Tentamos, com esta tradução, dar conta de algumas dessas idiosincrasias, desde que o

---

<sup>6</sup> CHAVES, Ernani. Eros criativo: cultura e educação erótica nos textos do “estudante” Walter Benjamin. *Artefilosofia*, Ouro Preto, n. 4, p. 45-53, Jan. 2008.

<sup>7</sup> ROSENFELD, Kathrin. Walter Benjamin e Robert Musil. Uma amizade impedida. In: TIMM, Ricardo et al. (Orgs.) *Walter Benjamin*. Barbárie e memória ética. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 127-143.

<sup>8</sup> A interessante “biografia de um relacionamento”, publicada neste ano por Eva Weissweiler, contempla o relacionamento conjugal e intelectual de Dora e Walter Benjamin. Diante das dificuldades surgidas no relacionamento com uma mulher inteligente e culta, Walter Benjamin – bem como seu círculo de amigos (homens) – acabam por expor a contradição existente entre, por um lado, as ideias libertárias sobre o relacionamento entre mulheres e homens, ideias que eram defendidas pelo jovem Benjamin e seu círculo, e, por outro, a vida concreta de um homem e uma mulher específicos, num modelo de casamento segundo o qual o papel de intelectual destacado tradicionalmente era reservado ao homem. Cf. WEISSWEILER, Eva. *Das Echo Deiner Frage*: Dora und Walter Benjamin – Biographie einer Beziehung. Hamburgo: Hoffmann und Campe, 2020. Outra biografia recente, muito bem documentada e que articula a biografia intelectual de Walter Benjamin ao conjunto da intelectualidade de seu tempo, é o trabalho de Antonia Grunenberg. Cf. GRUNENBERG, Antonia. *Götterdämmerung*. Aufstieg und Fall der deutschen Intelligenz 1900-1940. Walter Benjamin und seine Zeit. Friburgo/Breisgau: Basileia; Viena: Herder, 2018.

sentido dos enunciados não ficasse mais obscuro do que no próprio original. Com vistas a uma melhor compreensão das cartas, introduzimos algumas notas com o intuito de melhor esclarecer as circunstâncias do contexto e identificar principais interlocutores e instituições citados.<sup>9</sup> Tendo em vista uma preferência benjaminiana, assim como referida pelos editores da correspondência completa, Theodor Adorno e Gershom Scholem, evitamos o uso do rodapé, seja para as notas dos editores, seja para as notas explicativas das cartas, inserindo-as imediatamente após o conjunto de cartas. O número anteposto ao nome do destinatário, em cada uma das quatro cartas, segue a numeração da edição original da correspondência, assim como introduzida por Adorno e Scholem. Esperamos que a formatação escolhida para as diferentes notas não perturbe a fluidez na leitura das cartas.

17 A Herbert Belmore

[Friburgo] 23 de junho de 1913

Caro Herbert,

eu lhe escrevo de novo como mandam as boas maneiras – apesar de ter sido *você* a ter recebido as últimas notícias de mim. Mas ao fazer isso, preencho alguns minutos de tempo e dessa forma evito tarefas mais cansativas. Não temos muito assunto para conversa – não é mesmo? – é por isso que eu me vejo obrigado a realizar um descomunal esforço de concentração a cada vez que lhe escrevo.

Desta vez vamos dirigir nossa atenção ao divino drama para jovens<sup>1</sup> de Hauptmann dedicado a celebrar o jubileu das Guerras de Libertação<sup>(2)</sup>. A única coisa que me reconcilia com essa efeméride que a mim nenhum sofrimento causou é o fato de ter dado origem a uma obra alegre, imortal como essa, tornando definitivamente ociosa a questão de decidir se Hauptmann é ou não um grande poeta e um espírito livre. Se você ainda não leu esse drama trate de fazê-lo o mais rápido possível e terá uma de suas horas mais agradáveis. Há muito tempo – creio que desde Spitteler<sup>(3)</sup> – que a arte não me comovia tanto, quer dizer não me causava tal elevação intelectual – O fato de a peça ter sido proibida é algo ótimo, uma satisfação: não consigo imaginar uma percepção histórica de sua grandeza mais adequada do que essa. Essa proibição trouxe racionalidade não somente a uma parte do passado, mas também a uma parte do presente.

Amanhã irei escrever a Wyneken.<sup>(4)</sup> Devo reiterar a ele uma proposta urgente (que fiz assim que soube da proibição e conhecia somente algumas poucas linhas da peça): a de dedicar o número de agosto da revista “*Der Anfang*”<sup>(5)</sup> a essa peça de ocasião com um número sobre Hauptmann. Que a juventude dê sua resposta a um público politicamente empedernido! Nós estamos em movimento: Heinle<sup>(6)</sup> já [!] escreveu seu artigo sobre a peça (num tom inflamado, carregado de *pathos*), eu escreverei o meu amanhã: minha linha de raciocínio já está esboçada: “*O drama festivo do século [Das Jahrhundertfestspiel]* ou a juventude e a história”.<sup>1</sup> Creio ter algo de essencial a dizer. Conto firmemente com vocês em Berlim para que leiam de imediato a peça e que apoiem enfaticamente os nossos planos (de Heinle e meus) para o número de agosto. É que não estou em Berlim no momento. Quando teremos outra

<sup>9</sup> Notas elaboradas por Susana Kampff Lages.

ocasião de mostrar o papel que tem a visão dos jovens na vida pública? Esse número deverá ter impacto sobre a causa. Sobre a nossa causa e sobretudo também sobre a de Hauptmann; será um número atual e vai ter muita saída! Escrevam o que têm a dizer sobre *Das Jahrhundertfestspiel*! Com o máximo de detalhes possível mas ao mesmo tempo com o mínimo de observações técnicas sobre aspectos estéticos.

Como disse, amanhã vou escrever a Wyneken, o mais tardar depois de amanhã, enfim, logo que eu puder anexar à carta o meu artigo e o de Heinle. A esse ponto espero receber também de vocês uma resposta rápida. Vocês deverão entrar em contato com Wyneken e também com Barbizon. Espero que o assunto em questão seja tão importante para vocês quanto é para nós.

Ontem escrevi um artigo chamado “*Erfahrung*”.<sup>2</sup> Talvez seja o que de melhor escrevi para a *Der Anfang*. Ele deve sair na edição de setembro. Façam divulgação! Façam divulgação! Não temos como saber o *quanto* vamos conseguir mobilizar. *Der Anfang* precisa absolutamente se manter como primeira publicação puramente voltada à reflexão intelectual (não de caráter estético ou outro), e ainda assim distante da política.

Tenho de encerrar; quando lhe digo que no momento me encontro inteiramente mergulhado nessas questões, associadas a outras ideias sobre a ética do intelectualismo etc, assim você fica sabendo o que mais importa do ponto de vista pessoal.

E então? Vamos para Gibraltar em agosto? Então não nos veremos nunca mais!

*Salve, scriba, valeas*

Walter

18 A Herbert Belmore

[Friburgo] 23 de junho de 1913

Caro amigo,

sua carta exige uma resposta urgente. Sendo assim eu lhe escrevo em que pese o fato de já ter lhe escrito pela manhã.

Endereços não são miragens. O fato é que enviei minha carta anterior, à qual você se refere principalmente, para Franz<sup>(8)</sup> e não para um receptor indiferente de um teorema erudito qualquer. Sou obrigado a mencionar esse fato para recordá-lo de que essa carta, cuja efusão e falta de clareza tanto lhe incomodam, não se destinava a você. Escrevi essa carta e essas palavras para Franz. Aliás, se eu tivesse escrito tais opiniões para você, e isso somente quando elas tivessem atingido um estágio mais maduro de elaboração, elas estariam formuladas de um modo diverso. Mas é claro que eu lhe devo uma satisfação por minhas opiniões. Mas por que Franz não respondeu? Ou será que ele o fez através de você? Estará

ele tão seguro quanto você? Se esse for o caso eu teria me enganado ao presumir justo dele falta de clareza e dúvidas mais profundas e portanto, maior receptividade que de você. Como já disse, eu teria submetido essas ideias a você somente em grau mais avançado de elaboração. Mas isso são águas passadas.

Esta carta certamente não será longa pois estas linhas possuem unicamente o objetivo de esclarecer a você o que escrevi acima. “Afetuosa”, porém, essa carta (mesmo com todo o afeto inerente a ela) tampouco poderá ser, caro Herbert – ao invés disso será talvez um pouco polêmica. Não gostaria que você tivesse uma surpresa em algum momento no outono, nem pretenderia que tudo o que você atribui ao clima ruim e à irremediável distância entre nós seja apenas um fenômeno passageiro. Antes de mais nada, saiba que, para mim, que refleti muito sobre esses assuntos, o seu diagnóstico de que eu seria afetado por uma “susceptibilidade defensiva” pouco me serve. E sobre os meus humores: não deixe que essas primeiras cartas de Friburgo tenham maior repercussão na sua gaveta do que tiveram no meu cérebro. Embora agora, de uma vez por todas, tenha falado seriamente<sup>3</sup> – como se pode ler na carta para Franz – jamais estive “mortalmente deprimido”.

E mais uma coisa: o ensaio “Romantismo” saiu impresso sem modificações, assim como você o leu.<sup>4</sup>

Vamos agora ao ponto: de modo geral, concordo com o que você diz no início sobre a mulher. “Quanto menos formos perturbados e confundidos por tão más experiências ‘pessoais’”. Você irá saber que eu concordo com essa visão quando ler meu ensaio sobre a “Experiência”. E, como você diz tão bem, “a mulher se tornando masculina, o homem deve ser delicado, deve se tornar feminino”. Há muito tempo também sinto que é assim. E também suas fórmulas simples para designar homem e mulher: espírito-natureza/natureza-espírito podem ser verdadeiras, embora eu evite falar aqui concretamente, prefiro falar do masculino e do feminino: e quanto ambos se interpenetram nas pessoas! E assim você entenderá que eu considere os tipos “homem”/“mulher” um tanto primitivos no pensamento de uma humanidade culta. Por que na maior parte das vezes estacamos diante dessa divisão (entre princípios conceituais? Tudo bem!) Contudo, se quisermos dizer algo de concreto, a atomização deveria ir muito mais longe, chegar àquilo que há de mais individual no indivíduo. A Europa consiste de indivíduos (nos quais há aspectos masculinos e femininos) e não de homens e mulheres.

Quem sabe qual o alcance da espiritualidade da mulher? O que sabemos sobre a mulher? Tão pouco quanto sabemos sobre a juventude. Ainda não vivemos uma cultura da mulher assim como não conhecemos uma cultura da juventude. Mas você, Herbert, exige um “sim absoluto”. Qual de nós é realmente o absolutista? Eu, aquele diz que *Ananke* talvez tenha disposto as coisas de qualquer jeito? Eu que nego qualquer realidade que não se acomode à Ideia? Ou você cuja opinião a respeito da mulher precisa se fundamentar na realidade e que coloca o projeto universal exigido para esse fim na conta de *Ananke*? “Pretender redimir o que não pode ser redimido seria, pois, um sofrimento infinito análogo ao do tormento das Danaides”. Sabemos tão pouco sobre o que pode ser redimido quando sobre o que não pode. E a nossa redenção se dá por meio do amor! Mas sim, certamente: você pode chamá-lo de tormento das Danaides. E com certeza, a existência da humanidade é um Tonel das Danaides que deve gerar um espírito etéreo que tem seu fim em si mesmo – e a morte da humanidade virá algum dia no futuro – ou talvez nunca. Ambas as perspectivas são igualmente desoladoras. Mas já deveríamos ter aprendido com Wyneken que a

contingência, aquele “como se” e a redenção do que não pode ser redimido, é o sentido universal que proclamamos.

Porém: sua carta deixa transparecer uma mal-disfarçada indignação para com minhas visões a respeito da prostituição; seja como for, nada além de minhas ideias deveriam ser as responsáveis por elas. Não posso lhe comprovar essas opiniões agora (nem nunca poderei!). Mas posso lhe demonstrar que você se contenta com respostas vagas, e que não podemos nos acomodar ao que é conveniente, como primeiramente Franz e, agora você, dizem. Parece-me que realmente já escrevi o essencial.

*Que sentido ético tem a vida da prostituta?* Ou você pensa que podemos nos esquivar a essa questão? Para nós – não é mesmo? – reivindicamos a eticidade e a dignidade do ser humano. Mas devemos ter a ousadia de nos colocar diante das prostitutas e chamá-las de sacerdotisas, de utensílios do templo, de rainhas e de símbolo. Saiba que isso me deixa tão indignado quanto a “compaixão” de Franz. Ainda mais. Afinal de contas, com essa compaixão a prostituta continua a ser uma individualidade ética (uma compaixão que se mantém bastante deplorável no caso daquele que vai para a cama com ela – mas que ao menos é uma compaixão honesta). E o homem que a transforma numa pessoa eticamente má é mais consciente do que aquele que faz dela um ser inumano, não ético. Para você a prostituta é um objeto bonito qualquer. Você a respeita como respeita a Mona Lisa, diante da qual tampouco se fazem gestos obscenos. Mas você pouco se importa se ao fazer isso estará extraindo a alma de milhares de mulheres e destinando-as a uma existência de galeria de arte. Como se as tratássemos de uma forma tão artística! Estaremos nós sendo honestos quando denominamos de “poética” a prostituição? Eu protesto em nome da poesia. E é infinitamente cômodo para nós acreditarmos ser possível outorgar à *prostituta* um sentido para sua vida por meio de nossas auto-elevações subjetivas. Eu queria que você fosse capaz de ver o esteticismo raso que há naquilo que você escreve. Você mesmo não quer abrir mão da humanidade. Mas, a seu ver, existem seres humanos que são objetos. Você arroga para si a dignidade humana como um privilégio. Tudo o mais são coisas belas. E por quê? Para fazer um gesto nobre diante de atos vis.

Se quisermos ser eticamente corretos e ao mesmo tempo reconhecer a prostituição, resta apenas uma única questão: *Que sentido ético tem a vida da prostituta?* Ora, na medida em que possui um sentido ético, ela só pode ter o mesmo sentido que o de nossa própria vida. Pois é ainda por demais tímido o modo como formula a questão: “Ou todas as mulheres são prostitutas, ou nenhuma?” Não: “Ou todas as pessoas são prostitutas ou nenhuma”. Bem responda você. Mas a minha resposta é: todos somos. Ou deveríamos ser. Deveríamos ser sujeitos e objetos diante da cultura. Em verdade: se quisermos reservar para nós essa espécie de dignidade pessoal privada nunca iremos compreender a prostituta. Mas se sentirmos toda a nossa humanidade como um abandono diante do espírito e não tolerarmos um afeto privado, um querer privado nem um espírito privado – então iremos honrar a prostituta. Ela será o que nós somos. Então o que você designou obscuramente por “sacerdotisa e símbolo” irá se tornar verdadeiro. A prostituta expõe o impulso em direção à cultura. Escrevi: ela expulsa a natureza de seu último santuário, a sexualidade. E por muito tempo não teremos nada a declarar sobre a espiritualização da sexualidade. Sobre esse delicioso inventário dos homens. E falamos da sexualização do espiritual: eis a eticidade da prostituta. Ela representa a cultura dentro de Eros; Eros que é o mais violento individualista o mais hostil à cultura – também ele pode ser pervertido, também ele poderá servir à cultura.

Acredito ter expressado com isso minha opinião de forma sucinta e clara. Se você não quiser compreendê-la não compreenderá, mas –. Os lamentosos [?] falam de “glorificar a prostituição”. Eles possuem um bom de um instinto.

Mas talvez você ainda me diga que seu curioso ato de equilibrismo, (que foi certa vez) poético, depois, sacerdotal – no fundo queria dizer precisamente isso o tempo todo.

Seu Walter

PS 1: *Sire*, concedei-nos liberdade de pensamento!

Não sei o que você quer dizer com “caótica falta de vergonha” – você parece ter compreendido muito pouco da minha última carta.

PS 2: Hoje pela manhã recebi uma carta de Franz; sendo assim, tudo o que escrevi acima vale para ele também. Ao mesmo tempo recebi uma carta de Wyneken: “Concordo com você quanto à psique feminina: ‘como se’. Biológica e psiquicamente, claro, só Deus sabe”.

Reflitam sobre os escritos de Wyneken, o qual, por ora, é superior a todos nós.

Oportunamente irei conversar com ele sobre as cartas que vocês enviaram.

*19 A Herbert Belmore*

3 de julho de 1913

Caro Herbert,

nada em minha carta tinha a intenção de ofendê-lo. Não se tratava nem de um insulto, nem de uma honra, quando lhe disse que iria escrever minhas ideias somente no momento em que elas estivessem mais elaboradas; era um instinto intelectual. Pelo amor de Deus não comecem a fazer mistério com as minhas cartas: agora como antes, tudo o que escrevo vai para todos. E vamos encerrar o assunto!

Não posso poupá-lo de um outro sofrimento: você tampouco compreendeu minha última carta. Mas não façamos novas refutações. Depois de considerar muitos aspectos decidi consolá-los com uma novela que estou escrevendo no momento. Se ela chegar a bom termo, vocês a receberão; e talvez irão compreender numa linguagem muito velada algo que parece incompreensível quando explicitado. Isso será melhor do que dar explicações inúteis por carta. Só uma coisa: para mim sempre se tratou da questão: de dar à prostituição

*de hoje* um sentido *absoluto*. Você pode considerar precipitado! Mas é assim que eu penso. E enquanto não pudermos conversar pessoalmente ou a novela não tiver chegado, encerro com as belas palavras de Marion em *A morte de Danton*:<sup>(9)</sup> “No fim dá no mesmo: o que desfrutamos, sejam corpos, imagens de Cristo, taças de vinho, flores ou brinquedos infantis; é a mesma sensação; quem mais desfruta é quem mais faz orações”.<sup>(10)</sup>

Porém: *ser capaz de desfrutar* e agir como se fosse amiga – essa é a maior virtude da prostituta. É dessa forma que interpreto Marion – e no mais sintam-se livre para reivindicar para si as palavras dela.

Mas como pode pensar que eu seja capaz de acreditar: que um homem deveria satisfazer-se com uma prostituta para retomar o trabalho revigorado (e também sereno, pacificado)! Você acha que eu sou um botocudo?<sup>5</sup>

Entre em contato com Barbizon<sup>(11)</sup> para tratar da organização do número da revista sobre Hauptmann. Após muito refletir, os prós e os contras me pareceram ter o mesmo peso. O artigo de Heinle e o meu sobre a peça de Hoffmann que deverão constar deste próximo número estão com Barbizon. E está com ele também o meu artigo “*Erfahrung*”. Em todo caso, os artigos sobre Hauptmann constituem já uma base para uma conversa com Barbizon: eu indiquei o nome dele para você e o seu para ele.

Ao ficar sabendo por vocês das notícias que têm saído sobre a sujeira que fizeram com Hauptmann ou a revista *Der Anfang*, fico feliz por não estar lendo jornais.

Agora um pouco sobre Friburgo (por um senso do dever).

Heinle tornou-se definitivamente o único contato entre os estudantes com quem me relaciono num plano pessoal. Keller agora está neurastênico – raramente nos vemos e quando nos encontramos, falamos de um modo conscientemente cauteloso. Recentemente fui testemunha de uma cena das mais embaraçosas, na qual boatos de Friburgo foram ventilados por Manning, Englert e Keller – insultos, suspeitas, etc. Coisas que dificilmente podem ser reproduzidas por escrito sem conter muitas algaravias. O fato de que Heinle e eu não tínhamos absolutamente nada a ver com o caso – e que fomos considerados neutros por ambas as partes – atesta nossa posição segura e totalmente isolada.

Entre os fiéis frequentadores do nosso sarau literário, dos encontros para tratar da reforma escolar, e dos encontros das terças-feiras está um par de estudantes mais velhos. É comovente ver como eles começam a estruturar com muita firmeza e seriedade a sua personalidade intelectual, tomando como base as ideias de Wyneken e as nossas. Ela talvez nem seja inteligente. As noites dedicadas à discussão da reforma escolar (oito a dez frequentadores) são sempre de alto nível. O fato essencial é que a obra de Wyneken é discutida a cada noite e que não fazemos segredo de nossa inequívoca posição de discípulos – tudo o mais é decorrente desse fato.

Recentemente conheci uma estudante de Essen também chamada Benjamin. Fizemos um passeio ao monte Schönberg, que só vim a descobrir neste semestre e cujo cume é um dos mais lindos que conheço. Futuramente pretendo ir lá à noite com Heinle.

Conversamos alegres e descontraídos sobre muitos assuntos – cada vez que penso nesse passeio, percebo como sinto falta de pessoas aqui em Friburgo. Heinle é a única.

Fiz certa vez um passeio como esse com a irmã de Wolfgang Brandt,<sup>(12)</sup> que embora não seja bonita, tem uma delicada tez morena. Domingo em duas semanas, farei uma excursão de bicicleta com ela (e com uma outra estudante horrorosa, infelizmente) em Plauen.

Está interessado em saber da reunião sobre Hauptmann que tivemos aqui ontem? Foi vergonhosa. Um filisteu formado em filosofia disparou desaforado seus disparates: “E especialmente aqueles entre nós que somos de Breslau gostaríamos que... (a cidade de Breslau também tivesse aparecido como mãe do movimento)”. “Não se pode desprezar impunemente as anedotas e as memórias caras ao povo sem sofrer as consequências,” senão – e no geral, é claro que somos a favor. Que nojo!

Na discussão: Keller.<sup>(13)</sup> De mau humor – era perceptível que ele queria causar impacto. Não conseguiu – as pessoas resmungando. Heinle e eu sapateando. Cercados por gente rascante. Afora isso, Keller pronunciou as únicas palavras implacavelmente sensatas. Eu disse a Heinle: “Se eu conhecesse melhor as pessoas aqui neste auditório – certamente iria descobrir: o número de pessoas presentes era o mesmo que o de amargurados inimigos pessoais”.

Para finalizar: nosso trabalho progride – estou praticando alguma filosofia (não muito, lamentavelmente) e lendo *Die kleine Stadt* de Heinrich Mann,<sup>(14)</sup> uma narrativa que não me permite fazer elogios superficiais – e estou tentando escrever minha segunda novela.

Seu Walter

32 *A Herbert Belmore*

[17 de julho de 1914]

Caro Herbert,

o que significa o fato de eu não conseguir lhe escrever uma carta, partilhar algo da vida daqui com você? Só posso fazê-lo de uma maneira – se eu não escrever sobre o lugar só posso falar de Grete.<sup>(16)</sup> Mas até isso parece impossível! Você viu meu verdadeiro ser quando eu o acompanhei em silêncio em seus passeios. O meu silêncio é simplesmente a única coisa pela qual os meus amigos me reconhecem. Minha namorada fica sabendo o pouco que tenho para contar sobre os dias passados aqui – e tudo o mais se resume, afinal de contas, àquilo. Sinto como meu silêncio tem gradações – mas é um ritmo que ainda consegue alcançar mesmo os que se encontram mais distantes, Franz e Dora.<sup>(17)</sup> E conecta-se à melodia única das semanas, por mim encaradas com expectativa. Se uma vida rigorosa fosse possível para mim aqui como o é para você...

Sou forjado pelo incompreensível amor dos seres humanos. Nada posso lhe dizer de Grete: o mais íntimo silêncio não encontra palavras. Você me conhece o suficiente para saber com

o quê e com quem serei confrontado. Mas você já não pode mais pensar em mim como um ser isolado, e é como se só agora eu tivesse nascido numa época divina, para nela vir a ser eu. E a alma de três outras mulheres chega a mim de modo estranho. Sei que nada sou, mas que estou no mundo de Deus.

Não caminhamos nós no mesmo passo mas invisíveis um ao outro num mesmo caminho? Senti tudo isso nas poucas linhas que você escreveu na última “*Der Anfang*”. Pedirei a Barbizon para publicar um artigo de abertura: quero dar a ele o título de “Minha despedida”. Quero que as pessoas se envergonhem dessa publicação e pedirei que a façam desaparecer. Nenhuma vida floresce mais desse grande pântano composto por ACS, Congresso de Marburg, FG, [ilegível].<sup>(18)</sup> Num número recente da “*Der Anfang*” li a expressão “a *nova* autoestima”.

Venha para cá no inverno e me ajude – já que vou levar adiante o trabalho com a “Associação dos Estudantes Livres [de Berlim]”, um trabalho que continuo a desempenhar de modo desprendido mas sem conseguir antever seu “sucesso”. Esse trabalho só tem me consentido fazer leituras de segunda categoria: um livro sobre a excelsa Charlotte von Kalb<sup>(19)</sup>, Blüher<sup>(20)</sup>, ensaios filosóficos.

Grete me deu presentes maravilhosos: uma orquídea, uma gravata escura bastante dispendiosa, que combina muito bem com a orquídea, um livro com páginas em branco que mandou encadernar, o livro *Deutsche Stilisten* [*Estilistas alemães*]<sup>(21)</sup> e um livro de anedotas de Schäfer.<sup>(22)</sup> Juntamente com a mais esplêndida das cartas. Meus pais me deram as coisas que eu havia perdido: um cantil, um bastão de passeio. E mais, umas pastas grandes e bonitas para guardar meus manuscritos, Homero, a edição bilíngue (grego-alemão), a primeira metade da *Odisseia*. Recebi a coleção com pinturas do primeiro período do Renascimento italiano publicada por Diederichs.<sup>(23)</sup>

Pela primeira vez em muitos anos, talvez em mais de uma década, estive em Berlim num quinze de julho.<sup>(24)</sup> E o que aconteceu foi que acabei indo ao Jardim Botânico, onde encontrei o verão assim como ele costumava ser na Floresta Negra ou no vale de Engadina em dias como esse. Eu ainda não havia tido meu encontro com o verão este ano – a não ser pelas noites quentes úmidas pesadas.

Agradeço a você, Herbert, por seus votos de sucesso. Um falcão alçou voo.

Walter

## Notas dos editores alemães

1 Publicado com o título: “Reflexões sobre a peça de Gerhart Hauptmann”, de autoria de *Ardor*<sup>(7)</sup>, no número de agosto de 1913 da revista *Der Anfang*.

2 Publicado no número de outubro.

3 Talvez a palavra seja “fröhlich” [alegre].

4 Na revista *Der Anfang* de junho de 1913.

5 Uma tribo de indígenas brasileiros, considerados perigosos na Alemanha da época.<sup>(15)</sup>

6 Ida Boy-Ed, Charlotte von Kalb, Iena 1912.

## Notas Explicativas

(1) A peça, de autoria do escritor e dramaturgo alemão Gerhart Hauptmann (1862-1946), previa a utilização de fantoches, tendo sido encenada em 1913 na cidade de Breslau por Max Reinhardt, por ocasião das festividades de celebração do centenário da retirada das tropas napoleônicas da Alemanha. Após ter sido encenada várias vezes, a peça foi proibida e retirada de cartaz por não exibir o nacionalismo militarista ao gosto prussiano. Hauptmann foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1912.

(2) Hauptmann, Gerhart: *Festspiel in deutschen Reimen. Zur Erinnerung an den Geist der Freiheitskriege der Jahre achtzehnhundertdreizehn, -vierzehn, -fünfzehn. Aufgeführt bei der Jahrhundertfeier in Breslau 1913*, Berlim 1913. [Drama festivo em versos alemães. Em memória do espírito das Guerras de Libertação dos anos de 1813, 1814, 1815]

(3) Carl Spitteler (1845-1924), escritor suíço, cujo poema épico *Olympischer Frühling. Mythologisches Epos*. [Primavera Olímpica. Epopeia mitológica], escrito em 20.000 versos, foi muito apreciado pelo jovem Benjamin e o círculo em torno a Wyneken, o qual a recomendava como leitura escolar. Spitteler recebeu em 1919 o Prêmio Nobel de Literatura.

(4) Gustav Wyneken (1875-1964) carismático e controverso pedagogo, defensor de uma reforma radical do rígido sistema escolar e universitário alemão, esteve envolvido na criação de escolas experimentais, notadamente, como professor no internato rural de Haubinda, fundado e dirigido pelo pedagogo Hermann Lietz e frequentado por Benjamin, tendo fundado depois sua própria escola experimental, a *Freie Schulgemeinde* [Comunidade Escolar Livre] de Wickersdorf, na Turíngia. Defendia o papel de uma educação libertadora, sustentada entre outros por um erotismo de matriz platônica. Devido ao homoerotismo implicado em suas propostas pedagógicas e em função de uma denúncia formal de assédio sexual de colegas por parte de um funcionário da escola, foi acusado e condenado. Depois de intenso e frutífero relacionamento, entre os anos escolares e a fase inicial de seus

estudos universitários, Benjamin afastou-se de seu mentor devido ao nacionalismo belicista que este assumiu às vésperas da Primeira Guerra Mundial. A carta de 1914 aqui apresentada indica claramente essa intenção de crítica e ruptura.

(5) A revista *Der Anfang. Zeitschrift der Jugend für die Jugend*. [O Princípio. Revista da juventude para a juventude] foi fundada em 1911 por um grupo de jovens estudantes secundaristas em torno a Wyneken e à escola de Wickersdorf e teve números publicados até 1914. Foi palco de acirrados debates sobre causas geracionais, educacionais e culturais. Neles, Benjamin teve papel atuante: expôs em textos, discursos e em sua correspondência ideias radicalmente alinhadas às de Wyneken, por vezes, num estilo inflamado, mas ao mesmo tempo experimental – um estilo que mais tarde veio a ser modulado e aperfeiçoado em múltiplas direções.

(6) Christoph Friedrich (Fritz) Heinle (1894-1914), estudante e poeta com quem Benjamin travou intensa amizade entre 1913-1914, no âmbito do movimento estudantil. Após a irrupção da Primeira Guerra Mundial, Heinle e sua companheira Friederika (Rika) Seligson suicidam-se com gás no apartamento que o grupo wynekiano dividia com um grupo de ativistas sociais. Foram encontrados sem vida por Benjamin, o qual dedicou à memória do amigo um ciclo de sonetos.

(7) Eloquente pseudônimo latino usado pelo jovem Benjamin em seus primeiros escritos no ambiente estudantil.

(8) Franz Sachs, ativista do grupo em torno a Wyneken e à revista *Der Anfang*, fundou e dirigiu, graças a gestões de Benjamin, a partir de junho de 1913 a segunda “sala de debates” [*Sprechsaal*] berlinense. A primeira havia sido fundada pelo educador e psicanalista austríaco Siegfried Bernfeld (1892-1953) no mesmo ano em Viena. As salas de debates eram locais que deveriam servir à causa do ativismo em prol da ampla reforma educacional assim como defendida por Wyneken no período.

(9) Drama de Georg Büchner (1813-1837) que tematiza a fase final da Revolução Francesa, realizando uma poderosa crítica do autoritarismo da monarquia alemã de seu próprio tempo. Entre outros, por sua estrutura eminentemente aberta, é considerada precursora do drama moderno.

(10) Tradução nossa, tomando por base o trecho assim como citado.

(11) Georges Barbizon, pseudônimo do jornalista dinamarquês Georg Gretor (1892-1943), que foi, juntamente com Bernfeld, editor da revista *Der Anfang*, Barbizon viveu por alguns anos sob a guarda da artista plástica Käthe Kollwitz, cujos filhos também participavam dos movimentos juvenis em Berlim. Frequentou a escola experimental em Wickersdorf, dirigida por Wyneken.

(12) Wolfgang Brandt foi colega de Herbert Belmore e Walter Benjamin em anos escolares. Benjamin e Brandt chegaram juntos à formatura no ensino médio [*Abitur*]. Ambos, como Benjamin e muitos jovens envolvidos no movimento juvenil, provinham de famílias judaicas.

(13) Philipp Keller, médico e autor de um romance (*Gemischte Gefühle*, Sentimentos Mistos) de 1913, apreciado por Benjamin, com quem travou amizade no período em que estudou filosofia em Friburgo.

(14) *Die kleine Stadt* [A cidade pequena], romance de Heinrich Mann com ambientação italiana publicado em 1909.

(15) A menção aos botocudos feita por Benjamin bem como a respectiva nota dos editores Theodor Adorno e Gerschom Scholem reflete uma compreensão do senso comum – que perdura até hoje - sobre esse grupo. No século XIX, cientistas alemães realizaram uma verdadeira “caça” a crânios dos botocudos para servir aos interesses de suas pesquisas sobre a questão racial. Museus alemães ainda possuem em seus acervos crânios indígenas. Hoje, de uma perspectiva pós-colonial ou decolonial o que se coloca para debate é a possibilidade não tanto de uma devolução dessas peças, quanto de uma reparação histórica de atos de violência perpetrados em nome da empresa colonial. Como explica o médico geneticista Sergio Danilo Pena, que realiza uma pesquisa em que se cruzam genética e antropologia física, os botocudos, ao contrário do que popularmente se acredita, não são uma etnia extinta. Inclusive, o grupo dos Krenak se reconhecem hoje como seus legítimos descendentes. Para maiores informações sobre a história dos botocudos, ver a entrevista com Pena e o artigo de Marina Cavalcante Vieira, indicados nas referências bibliográficas.

(16) Grete Radt (1873-1942), namorada e depois noiva de Benjamin até 1916.

(17) Franz Sachs e Dora Kellner, jornalista, escritora e tradutora, era casada, na ocasião, com Max Pollak, de quem viria separar-se para casar com Benjamin em 1917, com quem permaneceu casada até 1924.

(18) *Akademisches Comité für Schulreform ACS* [Comitê Acadêmico para a Reforma Escolar], Congresso de Marburg [*Marburger Tagung*, reunião de líderes de diversas tendências dos movimentos juvenis, em 7 e 8.3.1914, na cidade de Marburg], *Freie Schulgemeinde Wickersdorf FG* [Comunidade Escolar Livre de Wickersdorf.]

(19) A obra aludida por Benjamin e indicada em nota pelos editores da correspondência é um estudo de 1912 de caráter psicológico, de Ida Boy-Ed. Charlotte von Kalb (1761-1843) foi uma escritora alemã, próxima ao círculo de Goethe e Schiller, tendo também se correspondido com Jean Paul. Com Schiller viveu uma paixão extraconjugal que acabou não se concretizando na separação de Kalb do marido e união com o escritor. Sua vida teve um trágico desdobramento: para além do infortúnio amoroso, teve a fortuna familiar dilapidada pelo marido que afinal cometera suicídio. Seu romance *Cornelia* e suas memórias foram resgatadas do espólio e publicadas postumamente pela filha Edda.

(20) Hans Blüher (1888-1955), escritor e filósofo, ativista do grupo de jovens *Wandervogel* [Pássaros Migrantes], esteve inicialmente próximo de uma ala mais à esquerda do grupo, da qual fazia parte, entre outros, Benjamin.

(21) *Deutsche Stilisten. Handzeichnungen altdeutscher Meister* [Estilistas alemães. Desenhos a mão de antigos mestres da pintura alemães] München: Steinicke & Lehmkuhl, 1914.

(22) Wilhelm Schäfer (1868-1952) autor de várias obras de prosa breve, de caráter popular-nacionalista, muito apreciadas durante a República de Weimar e também durante o nazismo.

(23) A editora de Eugen Diederichs possuía um catálogo com obras literárias, filosóficas, de história da arte, entre outras, editadas com grande apuro estético-editorial. Editou, entre

outras, obras de Novalis, Hölderlin e Nietzsche. Diederichs foi também o editor de Carl Spitteler.

(24) Dia do aniversário de Walter Benjamin.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Briefe 1910-1928**. Organização, introdução e notas de Gershom Scholem e Theodor W. Adorno. Frankfurt: Suhrkamp, 1978.
- BENJAMIN, Walter. Das Dornröschen. **Gesammelte Schriften**. Frankfurt: Suhrkamp, 2. ed, Vol. II-1. p. 9-12, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **The correspondence of Walter Benjamin, 1910–1940**. Trad. Manfred R. Jacobson e Evelyn M. Jacobson. Edição e notas de Gershom Scholem e Theodor W. Adorno. Londres e Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CHAVES, Ernani. Eros criativo: cultura e educação erótica nos textos do “estudante” Walter Benjamin. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 4, p.45-53, Jan. 2008.
- GRUNENBERG, Antonia. Hohes Selbst. **Götterdämmerung**. Aufstieg und Fall der deutschen Intelligenz 1900-1940. Walter Benjamin und seine Zeit. Friburgo/Breisgau: Basileia; Viena: Herder, 2018, p. 18-81.
- LEITE, Marcelo. O resgate dos botocudos. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, n. 107, p. 48-51, Jan. 2005.
- ROSENFELD, Kathrin. Walter Benjamin e Robert Musil. Uma amizade impedida. *In*: TIMM, Ricardo et al. (Orgs.). **Walter Benjamin**. Barbárie e memória ética. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 127-143.
- VIEIRA, Marina Cavalcante. A “Exposição Antropológica Brasileira de 1882” e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 317-357, Jan./Abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832019000100012>  
Acesso em: 13. Set. 2020.
- WEISSWEILER, Eva. **Das Echo deiner Frage: Dora und Walter Benjamin – Biographie einer Beziehung**. Hamburgo: Hoffmann und Campe, 2020.